

Edição 2024



Mixou o carbureto

João Allievi

Luz de LED ou Carbureto?

A discussão é válida e o carbureto, como falam as más línguas, *está sendo banido da espeleologia*. Principal argumento: seus dotes poluentes, pois a queima do C_2H_2 em associação com o oxigênio (O_2) gera fuligem (*). Em nome de uma nostalgia, alguns espeleólogos não se dão por vencidos. Num relatório que o também espeleólogo Ricardo Gonçalves de Oliveira fez para a Fundação Florestal de São Paulo, ele diz; *Na prática da espeleologia deve-se deixar o tipo de iluminação a critério do espeleólogo, que escolherá a que melhor se adapte à sua atividade*. Liberdade de escolha que não encontra eco na maioria dos espeleólogos de hoje em dia.

A verdade porém é que aquelas “pedrinhas” viraram uma nostalgia lumínica e hoje é uma lembrança saudosa, de gente que, como eu, já passou dos 70 anos. Festejando o cheiro característico do carbureto, me lembro de uma amiga que dizia: *sinto saudade daquele cheirinho, só de lembrar me vem uma lufada de juventude. Memória afetiva da poesia de momentos únicos!*

Mas hoje em dia, andam falando muito mal do carbureto! Será que dá câncer mesmo? Nunca ouvi dizer que um espeleólogo morreu por isso. Ficar sentado no sofá vendo televisão é que pode matar, sim!

Sai o carbureto e entra a luz de LED. Será que toda “evolução” vem para melhorar as coisas? Como diz o M.S. Cortella: *câncer também evolui*. Será que o GPS vai substituir a bússola? Será que o waze vai acabar com os mapas? Será que a tecnologia vai substituir a experiência?

A primeira vez que vi e senti o cheiro do carbureto foi junto com meu pai, que gostava de caçar rãs à noite. Isso lá pelos anos 50. Ele usava uma carbureteira de cobre, com alça de mão. (Tenho uma parecida de lembrança, até hoje). Ele segurava uma físga, meu irmão, a carbureteira e eu torcia pela rã. Anos depois fui me reencontrar com outra carbureteira (que meus amigos chamavam de reator) na boca da Ouro Grosso, junto com uma turma do Centro Excursionista Universitário (CEU/USP).

Demorou um pouco para eu entender o diálogo das “gotas d’água com as pedras”. Aprendi, usei bastante e fiquei apaixonado pela mágica reação química do gás que virava luz. E ainda hoje, sempre que sinto *aquele cheiro tão característico* fico com saudades dos tempos de aventura, trabalho e emoção. (**).

Na verdade, estamos nadando num turbilhão de mudanças. Não vale a pena nadar contra a correnteza. Mas não podemos nos esquecer para onde queremos ir. A tecnologia será boa se soubermos lidar com ela, sem exageros. Domenico de Masi, aquele do Ócio Criativo, falando sobre a chegada da tecnologia em nossas vidas, lembra: “*Quem se perturba diante da tecnologia pode se limitar a não usá-la. A tecnologia é uma oportunidade, não uma obrigação*”.

Parafraseio Rebecca Solnit (A história do caminhar) quando diz que *“em nome das eficiências, as novas tecnologias nos ajudam a economizar tempo e nos tornam mais produtivos. Mas não mais livres. A eficiência virou um hábito do qual as pessoas não conseguem mais se livrar”*.

Eficiência?? Que merda! É para isso que vamos para as cavernas fazer espeleologia? Para sermos eficientes?

Volto ao carbureto, para dizer o quanto ele significou e significa para a espeleologia mundial. Gosto de definir a exploração de uma caverna como *“a oportunidade de se ampliar horizontes”*. Na caverna, no escuro, não temos aquele horizonte das superfícies, mas a luz que carregamos vai, passo a passo, expandindo o caminho à nossa frente. Em outras palavras, lá dentro dependemos da luz que nos ilumina e é ela que *“amplia”* para nós, esse horizonte desconhecido.

Tenho certeza que nenhum espeleólogo quer, em nome da eficiência, acabar com a escuridão das cavernas. Não somos turistas de primeira viagem e gostamos de enfrentar certas dificuldades. Hoje usamos as lanternas de LED que são mais potentes, mais econômicas e mais ecológicas. Elas facilitam nossa vida, tornam as coisas mais claras e fáceis.

Será que isso nos deixa mais felizes? A resposta é simples: DEPENDE. Depende do espírito que nos move, depende do que queremos fazer de nossas vidas. Depende da intensidade com que nós entregamos as novas tecnologias. Com carbureto ou com luz de LED, podemos aproveitar o melhor das cavernas. Basta que nosso propósito seja claro, mesmo no escuro. O perigo aqui é um só. Achar que a tecnologia pode substituir a emoção.

Mas eu gostaria de trazer para a conversa, alguma coisa que o uso do carbureto não vai substituir. Falo do clima e da sinergia que antecede cada entrada na caverna!!

- Bota umas pedrinhas aqui em baixo, enche de água a parte de cima, e abre a torneirinha devagar. E vai controlando o gás. Pode entrar, a caverna é sua.

Como fotógrafo, não posso deixar de lembrar que o saudoso e falecido carbureto me ajudou muito. Estou juntando uma foto que tirei no Nirvana – Taqueupa – Santana – Petar. Uma *“selfie”* espeleológica tirada há 40 anos atrás. Na foto, sou eu atrás da câmera, sou eu sentado à direita e sou eu lá no fundo. Nada de mais para quem conhece a técnica de multiexposição. Mas o mais bonito da foto é a coloração avermelhada que a luz do carbureto, misturada com a luz dos flashes, deu a fotografia. Que clima!!! Que ambiente!

Mixou o carbureto? Vou ficar com saudades de você, meu companheiro!!!

(*) A chama da carbureteira é originada na combustão do gás acetileno (C_2H_2), que é obtido a partir do carbureto de cálcio (CaC_2) que é produzido industrialmente em fornos elétricos, com a mistura de cal e carvão. A cal é obtida pela calcinação de rochas carbonáticas. A adição de água (H_2O) ao CaC_2 permite a liberação do C_2H_2 , que é altamente inflamável (....). Além disso, a queima do C_2H_2 em associação com o oxigênio (O_2) gera fuligem (Tese de Doutorado do espeleólogo Heros Lobo)

(**) - Estas são liberadas junto com o acetileno, sendo os produtos mais comuns a fosfina (PH_3), arsina (AsH_3), amônia (NH_3), amoníaco (NH_4OH) e o sulfeto de hidrogênio (H_2S), os quais lhe conferem o forte odor característico, posto que o acetileno é inodoro quando puro. (Tese de Doutorado do espeleólogo Heros Lobo).

Bibliografia de apoio

- De Masi, Domenico – O ócio criativo – Ed. Sextante.
- Solnit, Rebecca – A história do caminhar – Martins Fontes
- Estudo da dinâmica atmosférica subterrânea na determinação da capacidade de carga turística na Caverna de Santana (Petar, Iporanga-SP) – Heros Augusto Santos Lobo.
<https://repositorio.icmbio.gov.br/handle/cecav/326>

Endereços uteis para quem quer comprar uma lanterna de LED.

https://www.youtube.com/watch?v=JQK1_v_7tiw

<https://www.scurion.ch/jm19/en/activities/caving.html>